

Missão Espiritana

Volume 25 | Number 25

Article 20

12-2015

O Natal que vai acontecer

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). O Natal que vai acontecer. *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol25/iss25/20>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

-se também que não lhes faltam pretendentes ao casamento. São preferidas, e toda a gente sabe porquê.

Problemas temos, evidentemente. Mas, graças a Deus, o calor humano de cristãos e não cristãos, à nossa volta, é bem maior que antes. Alguns cristãos confidenciam às vezes certa ansiedade quanto a dificuldades futuras, neste ambiente que se vai desenhando. Para logo reagirem: «não pode, não pode» (o que significa «não pode ser»).

‘Não pode: queremos a Missão; o povo precisa da Missão’.

Ora, o povo é uma força com que tem de se contar, não é verdade?

In «Ação Missionária» n.º 436, abril de 1976

O NATAL QUE VAI ACONTECER

Todos os anos, no auge da estação fria, visita-nos o calor natalício do Menino Jesus. Acontece Natal para quase toda a gente.

Digo «quase», porque há variadas formas de festejar o Natal, embora a autêntica festa de Natal seja apenas uma: a de Jesus, Filho de Deus feito homem por amor.

Para muitos, o Natal consiste em fazer «folclore social»: cartões e Boas Festas, enfeites, árvores em vez de gruta, refeição de peru e bolo-rei, canções tradicionais...

Outros vão um pouco mais além: celebram a bondade, o amor familiar, a ternura pelas crianças, a partilha com quem não tem...

Também há quem dê mais um passo: ao menos nesse dia, não deixarão de pensar em Deus, talvez leiam a Bíblia, farão viagem até à Missa, nem que seja para levar os meninos a admirar as figurinhas do presépio.

Enfim, graças a Deus, muita gente põe a sua fé em movimento e procura, não apenas celebrar, mas viver o Natal de Cristo, feito presente para nós mediante a Liturgia da Igreja. Para estes, tal quadra festiva é um dos seus tempos fortes de tonificação espiritual. Pois que nada há de mais provocante para um crente do que tomar consciência do conteúdo religioso que inspira a festa do Natal: a grandeza e a gratuidade do amor de Deus, em diálogo e permuta com a natureza humana.

À semelhança de um Matrimónio

Afinal, as analogias bíblicas que, desde os Profetas ao Apocalipse, exprimem em termos matrimoniais o amor de Deus pela humanidade, têm fundamento. Se o amor divino levou o Filho ao extremo de se identificar com os homens, esse amor então pode comparar-se a uma paixão e a uma entrega total de esposos. – “Tornado igual a nós em tudo, exceto no pecado”, sintetiza a carta aos Hebreus.

Precisamente, da analogia matrimonial aparecem traços num que outro texto litúrgico do Natal. «Ó admirável consórcio», «ó troca, sublime entre Deus e os homens», são expressões incluídas no Ofício desta quadra litúrgica. E é tradição que vem já de antigos escritores da Igreja explicar em termos esposais a união em Cristo, da divindade com a humanidade.

Captando o alcance dessa linguagem e do seu simbolismo, quem poderia ficar insensível na sua fé, frente ao Mistério do Amor divino?

Sensíveis ao Presépio

Quando Francisco de Assis teve a poética ideia de representar em figuras de presépio o nascimento de Jesus, emocionou até às lágrimas a sensibilidade religiosa dos aldeãos da Úmbria. Ele mesmo vibrava por dentro e por fora, ante a contemplação do «excesso» a que chegara a «divina benignidade».

Pode muito bem ser que a frieza com que tantas vezes se deixa transcorrer o Natal queira dizer que estamos longe da profundidade vivencial de um Francisco de Assis e da simplicidade enterneçada dos camponeses que o escutavam.

Vivência do Mistério

Mas não vamos exagerar. Quantos cristãos, ainda hoje, procuram que «aconteça» Natal nas suas vidas! Desse modo, eles mesmo se vão tornando, dia a dia, expressão viva da mensagem do pre-épio. Para eles, mais que festa social, mais que festa religiosa, mais que celebração de virtudes abstratas, o Natal é vivência de um Mistério de amor.

Maior dificuldade é conseguir prolongar pelo ano fora o espírito de Natal.

Ainda aí não vamos exagerar. Pelas nossas ruas passam cristãos que fazem do espírito de Natal a tónica da sua vida.

É aquele casal cheio de filhos e de canseiras que, apesar disso, acolhe com alegria o bebé da vizinha modesta, enquanto ela tiver de ficar internada no Hospital.

É aquela mão silenciosa e discreta que deixa o fruto de muitas privações na bandeja da Missa, escrevendo no envelope: «para os irmãos que a paróquia ajuda».

É aquela religiosa que escolhe voluntariamente tratar de leprosos e que não receia extravasar em ternura e conforto a caridade que lhe vai dentro. É aquele missionário que arrisca viver no meio da guerra, a fim de que não falte o seu calor humano e a força de Deus à multidão esfomeada que a doença e as armas (ai! o contraste com o Natal!) juntaram à sua volta.

Porque aí, não se trata de mera solidariedade humana, nem apenas de virtudes sociais. Trata-se de que estão cheios daquele Amor, com maiúscula porque é de Deus, que Jesus viveu e lançou no mundo. Que há de especial em servir gratuitamente o próximo, se primeiro foi Deus que nos amou?

Todos dizem que o nosso mundo belicoso e egoísta tiritaria de frio. Falta-lhe a quentura do Mistério do Natal. Esses crentes, que fazem da vida um programa de Natal, apontam a solução que Deus apresenta ao mundo.

– «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados.» É assim que começa o hino que se recita na maioria das Missas dominicais. O verso sintetiza a mensagem da festa de Natal. Que bom seria se a recitação do hino correspondesse a uma crescente assimilação do espírito do Mistério que ele evoca.

In «Encontro» n.º 152 – dezembro 1984

VISITA A CABO VERDE

Entre nós, missionários do Espírito Santo, costuma dizer-se que somos uma família, unidos fraternalmente no mesmo ideal missionário. Cada vez que me é dado visitar confrades da Congregação em Portugal ou fora dele, faço habitualmente a grata experiência desta nossa comum fraternidade.

Mais uma vez tive a mesma vivência em recente visita a Cabo Verde; melhor dito, às ilhas do Maio e de Santiago, onde servem o Evangelho 1 Bispo, 14 Padres e 1 Irmão espiritanos.

Tratava-se de assegurar o retiro anual dos confrades e de prestar um Curso de formação a postulantes e noviças de algumas Congregações de Irmãs. Foram somente 15 dias, apertados de mais para obter um conhecimento